



“HOMENS?”: A REENCENAÇÃO DA MASCULINIDADE

“¿HOMBRES?”: LA RECREACIÓN DE LA MASCULINIDAD

“MEN?”: THE REENACTMENT OF MASCULINITY

Djalma Thürler¹

RESUMO

O texto demonstra como a masculinidade, suas mudanças e transformações ocorridas na contemporaneidade, são revistas, repensadas e reencenadas a partir da série cômica brasileira “Homens?” (Amazon Prime Video/2019). Nesse caminho, a Teoria Queer fortalece e contesta os regimes de poder dinamitando os modelos hegemônicos de representação que produzem a identidade e a diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Teoria Queer. Homens?. Série Brasileira.

RESUMEN

El texto muestra cómo la masculinidad, sus cambios y transformaciones que ocurren en la contemporaneidad, son revisados, repensados y recreados a partir de la serie de cómics brasileña “Hombres?” (Amazon Prime Video/2019). En este camino, la Teoría Queer refuerza y desafía los regímenes de poder al dinamitar los modelos hegemónicos de representación que producen la identidad y la diferencia.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades. Teoría Queer. Hombres?. Serie brasileña.

ABSTRACT

The text demonstrates how masculinity, its changes and transformations occurring in contemporaneity, are reviewed, rethought and re-enacted from the Brazilian comic series "Men?" (Amazon Prime Video/2019). In this path, Queer Theory strengthens and challenges the regimes of power by dynamiting the hegemonic models of representation that produce identity and difference.

KEYWORDS: Masculinities. Queer Theory. Men?. Brazilian series.

* * *

¹ Doutor em Literatura Comparada. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

*Como cuerpos estamos expuestos a los demás,
y si bien esto puede ser la condición de nuestro deseo,
también plantea la posibilidad de sojuzgamiento y crueldad.*
Judith Butler

Introdução

A sinopse da Série “Homens?”, uma produção do Comedy Central, coproduzida pelo VIS (Viacom International Studios), o coletivo criativo Porta dos Fundos e a, veiculada desde março de 2019, diz se tratar das

aventuras de Gustavo (Gabriel Godoy), Pedrinho (Raphael Logam), Pedro (Gabriel Louchard) e Alexandre (Fábio Porchat), quatro amigos de longa data que se sentem perdidos a medida que o mundo contemporâneo se reinventa e as mulheres se empoderam. Eles entendem que foram criados de forma machista e querem modificar seu comportamento, mas acabam encontrando dificuldades no meio do processo (Adoro Cinema, n.d.),

Mas, “Homens?” é mais do que isso, é uma comédia que, centrando-se na masculinidade como identidade de gênero, aborda as mudanças e as transformações ocorridas na contemporaneidade, anunciando como a masculinidade pode ser revista, repensada e reencenada.

O interesse crescente pelos estudos da masculinidade como tema de investigação acadêmica iniciado, principalmente, pelos estudos revolucionários de investigadores importantes como Raewyn Connell, George Mosse, Pierre Bourdieu e Michel S. Kimmel, entre outros, bem como aos avanços insuspeitos feitos pelo feminismo e; também, pela produção artística², tem sido muito notado nos últimos anos. Essas produções, com base em saberes de desaprendizagens (THÜRLER, 2018), tem colocado a identidade de gênero masculina sob escrutínio desde quando tornaram-se o foco de preocupação a partir da instabilidade e incerteza da modernidade tardia ocidental (GIDDENS, 2003; BAUMAN, 2005), afinal,

men are no longer the invisible, unmarked gender, the archimedean point from which all norms, laws and rights flow; men are themselves the objects of the gaze of women, of other men and of a new critical scholarship that is deeply informed by the feminist insights ... and scholarship of pioneers in the study of masculinity³ (NYE, 2005, p. 1938),

² Destacamos no teatro, recentemente, “O Homem Fal(h)o” (2019), “Oboró – Masculinidades Negras” (2019), “Por entre Esquinas” (2020) e “A ira do cordeiro” (2020).

³ “Os homens já não são o gênero invisível e não marcado, o ponto arquimedeano do qual fluem todas as normas, leis e direitos; os homens são eles próprios objetos do olhar das mulheres, de outros homens e de uma nova erudição crítica que é profundamente informada pelos conhecimentos feministas ... e erudição dos pioneiros no estudo da masculinidade” (Tradução nossa).

o que parece concordar com a muito citada declaração de Kobena Mercer sobre as crises de identidade no final do século XX, que “a identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo assumido como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e incerteza (1990, p. 4).

Não à toa, as masculinidades tem sido interrogadas em suas diversidades sociais, suas orientações sexuais, as várias posições que ocupam nas esferas públicas e privadas, e as consequências que isso produz em termos de experiências individuais e/ou coletiva – o que significa, de fato, ser um homem? – em uma variedade de locais, em diversas áreas de conhecimento, apontando que estão a ser transformadas e novas masculinidades estão a emergir. É o que acontece em “Homens?”, “a melhor série cômica brasileira” (GÓES, 2020, sp), criada e estrelada por Fabio Porchat.

Homens? é basicamente uma grande cebola seriada com diversas camadas exploradas ao longo das suas duas temporadas e 16 capítulos. De início, aparenta ser mais uma comédia brasileira sobre homens solteiros brancos cariocas surfando na onda do machismo, esbórnia e álcool, algo meio “E aí, comeu?”, mas a cada 30 minutos, é um passeio satírico, real e necessário sobre o comportamento médio do brasileiro. Uma tetra observação e representação da cultura machista normalizada difusamente no país (CORBY, 2020, sp).

FIGURA 1: Raphael Logam, Fábio Porchat, Gabriel Louchard e Gabriel Godoy.



Fonte: Divulgação

Ao contrário, não se trata de uma comédia de homens brancos, como afirma Corby (2020), a produção fugiu dessa armadilha colonialista e, ao pensar no personagem Pedrinho, interpretado por Raphael Logam, traz um olhar atento e questionador sobre o que os homens querem e, principalmente, o que podem fazer no mundo de hoje frente aos avanços feministas. Desse modo, parece estratégico que em

“Homens?”), brancos e negros, “mestiços, mulatos, cafuzos, pardos, mamelucos, sararás, crilouros, guaranisseis e judárabes”⁴ (ANTUNES, 1996), num primeiro momento, estejam distantes do potencial de subversão do heterossexismo e das ortodoxias patriarcais e, portanto, estruturalmente implicados na manutenção das hierarquias binárias instituídas pela modernidade/colonialidade, em que pese a análise de Connell (2005), que sugere que críticas mais positivas e libertadoras estariam localizadas dentro das masculinidades cúmplices, subordinadas e marginalizadas (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013, p. 41), para depois, contribuir de forma vigorosa para apoiar um interrogatório e posterior desestabilização dos modelos dominantes tradicionais de representação.

O queer enquanto análise cultural

Nesse texto, nosso foco será principalmente nas formas como a teoria *queer* fortalece “uma posição de contestação aos regimes de poder que produzem a identidade e a diferença” (LORENA, 2021, sp), dinamitando “os regimes biopolíticos da representação, de modo que todos os corpos possam ser habitáveis e que todas as vidas possam existir na diferença que as constitui” (idem).

Quero dizer que, embora, devêssemos notar que o *queer* em linguagem comum é frequentemente usado como sinônimo de “gay” e “lésbica” deve, também, denotar qualquer experiência não-normativa ou expressão de desejo sexual, afinal, desde que De Lauretis introduziu a teoria *queer* como “outro horizonte discursivo, outra forma de pensar o sexual” (1991, p. iv), se afastou da reificação das identidades essencialistas indexando um posicionamento que rejeita a organização da sexualidade com base na oposição binária homossexual/heterossexual para se concentrar no desejo e na performatividade.

Esta abordagem tem criado novas formas de pensar, não só sobre identidades sexuais fixas, tais como heterossexuais e homossexuais, mas, também, sobre outras noções supostamente essenciais como a sexualidade e o gênero e mesmo o homem e a mulher e, por isso, tem desempenhado um papel importante na análise do sexo e do gênero nos estudos literários, cinematográficos e culturais, como é o caso de “Homens?”, que reelabora a questão identitária dos gêneros e sexualidades em uma

⁴ A música “Inclassificáveis” faz parte do CD “O silêncio”, lançado em 1996, por Arnaldo Antunes.

“constelação de posições múltiplas e instáveis” (JAGOSE, 1997, p. 3). Como posicionamento crítico, a teoria *queer* desafia o estatuto dos regimes dominantes de conhecimento/poder como naturais e universais⁵, concentrando-se na construção desses modelos, na sua contingência histórica e na política desses modelos.

Por isso, ao produzir “Homens?”, não se poderia abrir mão da mudança radical que os estudos da sexualidade viveram nas últimas décadas. De um enfoque em categorias supostamente essenciais para noções mais fluidas ou *queer* de identidade sexual, o que se pretendeu foi desconstruir a masculinidade heterossexual, seu estatuto e seus códigos particulares, para reencenar uma outra “fórmula de masculinidade” (MESSNER, 2002, p.123).

A série é dividida em duas temporadas, cada qual com oito episódios, que podem ser assim sintetizadas:

TABELA 1: Resumo dos episódios elaborado pelo autor.

TEMPORADA 1	
Episódio	Tema principal
01	Plot principal, Alexandre/Porchat revela ao público que está brocha há cerca de um ano. Há a apresentação do perfil dos outros três personagens.
02	As quatro nano histórias giram em torno de dois temas: o delírio de potência viril (FLORES, 2008) e a hiperssexualização do corpo feminino.
03	As interdições masculinas, a pedagogia da masculinidade desde a infância. Aqui também apresenta o tema da sexualidade na 3ª idade.
04	A influência dos filmes <i>La Majorité Opprimée</i> (2010) e <i>Je ne suis pas un Homme Facile</i> (2018), de Eléonore Pourriat, traduzidos no Brasil, respectivamente, por <i>A maioria oprimida</i> e <i>Eu Não Sou um Homem Fácil</i> .
05	Sexo na 3ª idade; novas práticas sexuais, como o <i>ménage a trois</i> .
06	A educação viril dos jovens através dos puteiros. A naturalização da infidelidade masculina.
07	A prática do <i>Swing</i> .
08	Relacionamentos não monogâmicos e interseccionalidade.
TEMPORADA 2	
Episódio	Tema principal
01	Etnocentrismo; como acertar e errar a partir da <i>diferença</i> .
02	Culpa católica e a questão do aborto (igreja, polícia, <i>twitter</i>). A quebra com estereótipos de sexualidade.
03	Questões geracionais
04	Episódio Gay, práticas sexuais masculinas anais, como <i>plug</i> e “tomada”; o delírio de potência viril.
05	Sexo anal e questionamento sobre sexualidade masculina.
06	A melhoria das gerações e a educação machista.
07	Claro desenvolvimento de Alexandre/Porchat. A metáfora da bolha.
08	Novas dicções masculinas.

Fonte: Autor

⁵ Rita Segatto (2018) desenvolve a ideia potente de “invenção da natureza”, ao mesmo tempo que Butler (2019) fala da “performatividade de gênero”. Ambas fazem referência a dispositivos sociais que dão sustentação ao sistema na medida em que apresentam como eterno e natural o que é de fato histórico e transitório.

Ao longo dos dezesseis episódios,

como se pisasse em ovos, os quatro protagonistas, machos convictos, vão descobrindo novas fronteiras para terrenos onde antes parecia-lhes ‘perigoso’ pisar, como levar a própria namorada para um suíngue, permitir que a parceira use nele uma dedeira para sexo anal ou aceitar um romance com uma transexual (PADIGLIONE, 2020, sp),

por isso, tanto o conceito de masculinidade hegemônica de Connell (2013), como o de masculinismo, de Arthur Brittan (1989) são muito uteis para explorar algumas das formas como as masculinidades são (re)constituídas em contextos historicamente específicos. Para Oakley (1982), feminista da segunda onda, a noção de que as mulheres deveriam ser relegadas para uma cidadania de segunda classe, ou mesmo nenhuma cidadania, devido à diferença anatômica em relação aos homens, em particular a posse de um útero, tem uma longa história, assim como, as expectativas culturais sobre o que era apropriado ou possível para as mulheres. Essa tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994),

produto de várias tecnologias sexuais, uma maquinaria de produção que vem de discursos e práticas discursivas das autoridades religiosas, legais ou científicas, da medicina, da mídia, da família, da religião, da pedagogia, da cultura popular, dos sistemas educacionais, da psicologia, da arte, da literatura, da economia, da demografia etc., que se apoiam nas instituições do Estado (PINAFI; TOLEDO; SANTOS; PERES, 2011, p. 270),

é um dispositivo capital que opera poderosamente nas rotinas e experiências vividas e, portanto, para a manutenção dos binarismos de gênero, já salientado por Donna Haraway (1991), o que faz com que mulheres e homens se deparem com uma vasta gama de aparelhos e mecanismos reguladores baseados em suposições sobre a primazia da biologia e do corpo. Nesse mesmo diapasão, Foucault (1987) adverte que

a nossa sociedade não é a do espetáculo, mas da vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; por trás da grande abstração da troca ocorre o adestramento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos de comunicação são os suportes de uma cumulação e centralização do conhecimento; o jogo gestual define as fixações do poder; a bela totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada pela nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado. De acordo com toda uma tática de forças e corpos. (FOUCAULT, 1987, p. 175).

A esse cuidado sobre a fabricação dos corpos, Moira Gatens (1991) complementa que, enquanto o sujeito masculino é construído como autocontido e como dono da sua pessoa e das suas capacidades, aquele que se relaciona com outros homens como concorrentes livres, com quem partilha direitos político-econômicos, o sujeito

feminino é construído como propenso à desordem e à paixão, como econômica e politicamente dependente dos homens, justificado pela referência à natureza feminina, ou seja, masculinidade e feminilidade estão intrinsecamente ligadas, apontando para diferenças culturais e funções sociais que são frequentemente antagônicas. Em suma, as feministas não se contentaram em permitir que as disciplinas biológicas, médicas ou psiquiátricas fornecessem um relato definitivo do corpo, mas, analisaram estas disciplinas como práticas específicas que constituíram corpos de formas particulares.

Apenas recentemente, a ideia de uma distinção oposta entre sexo e gênero foi posta em causa por feministas como Judith Butler (1999, 2019), que passou a argumentar que o sexo também é uma construção cultural, ou seja, agora, “a oposição binária universalizante que gerou o conceito do sistema sexo/gênero (...) implode em teorias articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e sequenciais de incorporação, onde a natureza já não é imaginada e decretada como um recurso à cultura e o sexo ao gênero” (HARAWAY, 1991, p. 148). Essa nova epistemologia é responsável por uma ruptura da potente política de subjetivação burguesa (ROLNIK, 2008) capaz de projetar imaginários corporais que, concomitantemente constroem, subvertem e resistem à dicotomia masculino-feminino nas relações sociais.

Assim, nos parece que o desafio dessa nova epistemologia é criar formas de desaprendizagens (THÜRLER, 2018) e dissenso, como tem acontecido nas ciências sociais e humanas ao desafiar a noção de um corpo *disembodied*, de alguma forma neutro em termos de gênero (para a qual se lê branco, classe média, cristão, masculino, capacitista), sublinhando que a pessoa e, portanto, o eu, é necessariamente *embodied*, o que implica estar sujeito às normas que não se escolheu necessariamente, um corpo que nunca pode estar à altura das normas de integridade, completude e adequação exigidas aos sujeitos inteligíveis, ou seja, o corpo, como o conhecemos, é um objeto que é o efeito de práticas de produção de conhecimento, portanto não existiria um corpo “essencial” ou “natural” independente e fora das ideias ou dos discursos.

Judith Butler rejeita a famosa distinção sexo/gênero que sustenta o “sexo” como uma característica natural do corpo e o “gênero” como uma camada cultural sobre este corpo. Para Butler, assim como para Segato (2018) não existe “o natural”, “o corpo”, ou “o material”; pelo contrário, a matéria é entendida como um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, fixidez” (BUTLER, 2019) e, sim, natureza é uma invenção (SEGATO, 2018).

É nesse sentido que “Homens?” salienta que os homens têm sido capazes e podem também subscrever outros códigos que não os de domínio, portanto, seria simplista afirmar que apenas o modelo hegemônico prevaleceu nas sociedades ocidentais. Para ilustrar, em “Homens?”,

um dos destaques será o personagem de Gabriel Godoy, Gustavo, que passará por um “crescimento inconsciente e ingênuo” em sua relação com Natasha (Giselle Batista). “Veremos um pequeno amadurecimento”, diz o intérprete, ao acrescentar que Gustavo será o responsável por abordar tabus como o fio-terra e a brochada. Ainda, Pedrinho (Rafael Logam) se apaixonará por uma mulher transexual; enquanto o médico cadeirante Pedro (Gabriel Louchard) tratará, junto à Mari (Miá Mello), de relacionamentos abertos e ciúmes. (VILANOVA, 2020, sp).

O riso é atributo do ser humano

É importante ratificar que “Homens?” é uma comédia, “uma das principais formas do drama, que enfatiza a crítica e a correção através da deformação e do ridículo” (VASCONCELLOS, 2010, p. 61). Assim, o cômico, a piada, o riso e o risível são destinados às críticas dos próprios personagens e seus comportamentos preconceituosos que tornam suas transformações ainda mais risíveis, revelando que “o não normativo, o desvio e o indizível fazem parte da existência” (ALBERTI, 1999, p. 12).

A série em questão, ao expor satiricamente a vida íntima de Alexandre, personagem de Porchat, e a sua masculinidade “falhada”, reforça o viés depreciativo contra si mesmo, porque o “cômico é algo baixo, insignificante, infinitamente pequeno, (...) é a aparência em sua falta de correspondência, é a contradição, é o contraste, é o conflito, é a oposição ao sublime, ao elevado, ao ideal, ao espiritual etc (PROPP, 1992, p. 20), afinal, a

comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto à toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem expressão de dor. (ARISTÓTELES, 1966, p. 74).

É assim que “Homens?”, de modo geral, exerce uma pressão direta sobre aqueles que não aderem aos códigos de masculinidade tal como foram concebidos, (CONNEL, 2013; BRITTAN 1989), o que também acontece com as outras três tramas exploradas, as de Gustavo (Gabriel Godoy), Pedrinho (Raphael Logam) e Pedro (Gabriel Louchard), “um leque muito bem aproveitado de opções de paradigmas e tabus

a serem discutidos e quebrados, seja na ficção ou no real com o espectador” (CORBY, 2020, sp).

FIGURA 2: Gabriel Louchard (Pedro), Fábio Porchat (Alexandre), Raphael Logam (Pedrinho), Gabriel Godoy (Gustavo).



Fonte: Divulgação

Embora Porchat afirme não existir “limite para humor, assim como existe limite para poesia” (PORCHAT, 2020, sp), também ressalta que não se trata de uma *lacromédia*: “A gente não quer lacrar, a gente quer fazer graça” (VILANOVA, 2020, sp). Segundo Marta Picchioni (2020),

lacrar é fechar um lacre, dar a última palavra com chave de ouro, a sacada genial. Lacrar é vencer o duelo. Neste sentido, a lacração se presta a encerrar um debate que, para sermos rigorosos, nem mesmo começou. Lacrar é performar e, neste contexto, uma atitude que está a serviço dos aplausos, dos likes, o que no mundo digital significa visibilidade e relevância, patrocínio e continuidade. (PICCHIONI, 2020, sp).

Quando, então, Porchat nega que “Homens?” seja uma *lacromédia*, quer dizer que está produzindo uma obra que não se quer fechada em si mesma, não quer ser a dona da verdade, porque “na lacração, não há caminho do meio ou a possibilidade de dialogar, não há nuance ou construção argumentativa” (PICCHIONI, 2020, sp), a lacração é “o contrário do debate, porque tenta promover o silenciamento do rival” (MEIRELES, 2018, sp). Ao contrário, lança-se ao debate polêmico e não pretende em nenhum momento encerrar a discussão, evitando a demonização da masculinidade, em que homens são culpados por todos os males do mundo, como se o fascismo, o colonialismo, o imperialismo, as ditaduras e as injustiças fossem exclusivamente fruto de qualidades masculinas. Parafraseando Dieter Ingenschay (2015), em “Homens?”, o

poder hegemônico não é reduzido simplesmente a uma mera questão de testosterona (INGENSCHAY, 2015).

Por exemplo, os homens idosos, como o pai de Alexandre, interpretado por Paulo Reis, cujo ardor repentino contrasta com as suas capacidades físicas, são tradicionalmente ridicularizados como símbolos de uma masculinidade enfraquecida e, num certo sentido, inadequada, uma vez que a sua performance, ou apresentação, é na realidade uma não performance devido a uma falta de vigor sexual.

As normas de hegemonia masculina e a sua narrativa em certas produções culturais são questionadas, denunciadas e muitas vezes contestadas, e de fato permitem que outras formas de masculinidade baseadas na igualdade, no direito a ser diferente, e no respeito pela individualidade se tornem mais visíveis e melhor aceitas pela sociedade. A imunidade diplomática (HORTON, 1991, p. 73) com que os personagens centrais de “Homens?” abordam a erosão da imagem tradicional da masculinidade colaboram, sobremaneira, a uma crítica do modelo hegemônico de masculinidade, já desafiada desde os anos oitenta do século XX, que foi entendido como monstruoso e fonte de sofrimento, não só para as mulheres, mas, também, para certos homens que tiveram de se submeter a uma representação de masculinidade à qual não aderiram, ou com a qual apenas se comprometeram parcialmente.

Considerações Finais

Ao questionar a masculinidade compulsória através de uma comédia de costumes, aquela que, segundo, Patrice Pavis oferece um “estudo do comportamento do homem em sociedade, das diferenças de classe, meio e caráter” (PAVIS, 1999, p. 55) “Homens?” parece ter um importante papel paradoxal, porque ao mesmo tempo em que demonstra, através da sátira e da paródia, a masculinidade que escapa, por vezes, às formas de vigilância e controle moral; parece, também, lembrar-nos as normas ideológicas do gênero masculino, que estão muito frequentemente ligadas à performance e à exibição pública de seus valores e capacidades, o que significa que em “Homens?” o gênero cômico destaca as deficiências dos homens, estigmatiza e ridiculariza certas formas de masculinidade, porém, recordando-nos as normas em que se baseiam a performance da masculinidade, ou seja, a masculinidade que é parodiada, não só transmite os códigos hegemônicos como, também, os atualiza e os divulga ao público, controlando sua representação e significado.

Em uma cena final da série, após a morte de seu pai, Alexandre conversa, nostálgico, com seus amigos:

Alexandre: Agora eu me dei conta aqui. Com a minha idade, meu pai já tinha uma família.

Gustavo: É, outros, tempos...

Alexandre: Ou será que sou eu fugindo da ideia de virar meu pai?

Pedro: A gente sempre acaba virando nosso pai (PORCHAT, ep. 8, 2ª temp., 2019).

A morte do pai de Alexandre é recurso alegórico da morte da tradição, do velho modelo de masculinidade hegemônica, “la imagen de masculinidad de aquellos hombres que controlan el poder” (KIMMEL, 1997, p. 51), e que constitui o parâmetro do que significa na sociedade patriarcal ser um “verdadeiro homem”, aquele que “incorpora a forma mais honrada de ser homem, [...] e exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

No mesmo episódio do excerto acima, em uma cena de delírio, Alexandre é recebido pelo apresentador Sérgio Malandro como se fosse um programa de auditório ao estilo “Porta da Esperança”. Diante de três portas, Alexandre precisa abrir e seguir por aquela que representará o seu futuro. Logo na primeira porta, flagra seu pai acompanhado de duas mulheres muito mais novas e o seguinte diálogo:

Pai: A melhor coisa do mundo é comer mulher! Quer dizer... Você não é veado não, né?

Sérgio Malandro: Essa é a melhor porta do mundo, tudo o que ele te ensinou está aqui. Você vai ser um homem de verdade, Alexandre!!

Alexandre: Não, não, eu quero a porta número 2! (PORCHAT, ep. 8, 2ª temp., 2019).

Ao recusar como seu futuro a porta de número 1, que significa a reificação do velho modelo de masculinidade, Alexandre parece ter entendido ao longo de sua jornada que a constituição dos sujeitos se dá através de dinâmicas sociais, de processos e estruturas de dominação e subordinação de algumas pessoas por outras, mas, também, pelo contrário, entendeu que a masculinidade não é um modelo fixo, nem é o mesmo sempre e em todo o lado e que deve ser contestada através da resistência a esses mesmos processos.

Em seu projeto de reencenação da masculinidade, ao desnaturalizar a ordem social do gênero, que, agora, é concebida como uma construção social e não como uma determinação biológica, “Homens?” faz visualizar outras estruturas masculinas,

colaborando para sua multiplicidade e, também, para as renúncias em relação aos confortos e privilégios diários. É, em suma, a construção de uma ordem social diferente, verdadeiramente satisfatória para todas as pessoas.

Referências

- Adoro Cinema. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-24688/.s.d>. Acesso em 23 abr 2021.
- ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; FGV, 1999. 254 p.
- ANTUNES, A. Inclassificáveis. Álbum *O silêncio*”, BMG, 1996.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Ed. Globo, 1966.
- BAUMAN, Z. *Conversas de Identidade com Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BUTLER, J. Performativity’s social magic, In R. Shusterman (ed.) *Bourdieu: A Critical Reader*, Oxford: Blackwell p. 113-128, 1999.
- BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Trad. Veronica Daminelli; Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 ed. Crocodilo Edições , 2019, 400p.
- BRITTAN, A. *Masculinity and Power*. Oxford: OUP, 1989.
- CONNELL, R.W. ‘Change among the gatekeepers: men, masculinities and gender equality in the global arena’, *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 30 (31), University of Chicago, 2005.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHIMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-182, 2013.
- CORBY, R. *Crítica: ‘Homens?’ de Fabio Porchat é uma comédia que entretém, condena e educa*. Fonte: Serie Maníacos TV. Disponível em: <https://seriemaniacos.tv/critica-homens-de-fabio-porchat-e-uma-comedia-que-entretem-condena-e-educa/>.16 de out de 2020. Acesso em 11 de mai de 2021.
- FLORES, J. G. La reproducción simbólica de la violencia. Estudio de La ultramasculinidad en un contexto multicultural. In: J. RODRIGUEZ, C.; VÁZQUEZ, G. U. *Masculinidades: el juego de género de los hombres em el que participan las mujeres*. México: Universidad de Guadalajara, p. 131-137, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão* . Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis : Vozes, 1987.

GATENS, M. *Feminism and Philosophy: Perspectives on Difference and Equality*. Cambridge: Polity, 1991.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Trad. P. Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GÓES, T. Nova temporada de série 'Homens?', de Fábio Porchat, está na TV paga. Disponível em: *Folha de São Paulo. Ilustrada*. 14 de abril de 2020.

HARAWAY, D. *Simians, Cyborgs and Women*. Disponível em <https://disciplineandanarchy.wordpress.com/2010/11/08/book-review-donna-haraway-simians-cyborgs-and-women-the-reinvention-of-nature-1991/>. Acesso em 12 abr 2021. 1991.

HORTON, A. *Comedy/Cinema/Theory*. Berkeley/Los Angeles/Oxford, USA: University of California Press, 1991.

INGENSCHAY, D. Introducción: Masculinidades en transición . In: R. M. MÉRIDA JIMÉNEZ, & J. L. PERALTA. *Las masculinidades en la Transición* Barcelona: Egales. Edição do Kindle, p. 4-292, 2015.

JAGOSE, A. *Queer Theory: An Introduction*. New York: New York University Press, 1996.

KIMMEL, M. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. In: T. VALDÉS, & J. OLAVARRÍA, *Masculinidad/es. Poder y crisis*. Santiago, Chile.: ISIS-FLACSO: Ediciones de las Mujeres N° 24. p. 49-62, 1997.

LAURETIS, T. d. *Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities. A Journal of feminist Cultural Studies* 3(2), p. iii-xviii, 1991.

LAURETIS, T. D. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: H. B. (Org.), *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.

LORENA, J. P. *Estudos Queer Brasil*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/judithbutler>. 19 abr de 2021. Acesso em 19 abr 2021.

MERCER, K. *Welcome to the Jungle: New Positions in Black Cultural Studies*. London: Routledge, 1990.

MESSNER, M. *Taking the Field: Women, Men and Sports, Minneapolis*. MN: University of Minnesota Press, 2002.

MEIRELES, M. *Na era da 'lacrção', radicalização política deve causar empobrecimento no campo das artes*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cenarios/2018/12/1985258-na-era-da-lacracao-radicalizacao-politica-deve-causar-empobrecimento-no-campo-das-artes.shtml>. 15 de dez de 2018. Acesso 12 abr 2021.

NYE, R.A. Locating masculinity: some recent work on men. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 30 (31), University of Chicago, 2005.

OAKLEY, A. *Sex, Gender and Society*. London: Temple Smith, 1982.

PADIGLIONE, C. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/melhor-serie-do-ano-ate-aqui-homens-encerra-2a-temporada/>. 02 de jun de 2020. Acesso 12 abr 2021.

PAVIS, P. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999. 483 p.

PICCHIONI, M. *É preciso superar a cultura da lacração*. Disponível em: <https://comumapdz.com.br/e-preciso-superar-a-cultura-da-lacracao/>. 24 de jul de 2020. Acesso 12 abr 2021.

PINAFI, T.; TOLEDO, L. G.; SANTOS, C. H.; PERES, W. S. Tecnologias de gênero e as lógicas de aprisionamento. *Bagoas*, n. 06 , p. 267-282, 2011.

PORCHAT, F. Fábio Porchat expõe machismo e abre espaço para feminismo em 'Homens?'. AMENDOLA, B.; GODINHO, R. (Entrevistadores). 05 de maio de 2020.

PORCHAT, F. (Diretor). (2019). *Homens?* [Filme Cinematográfico].

ROLNIK, S. Geopolítica da cafetinagem. In: FURTADO, B; LINS, D. *Fazendo Rizoma: Pensamentos Contemporâneos*. São Paulo: hedra, 2008, p. 25-44.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogias de la crueldade*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

THÜRLER, D. “Sabedoria é desaprender – notas para a construção de uma política cultural das margens”. SILVA, G., PUGA, L. e RIOS, Otávio, orgs. In: *Alfabetização política, relações de poder e cidadania: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

VASCONCELLOS, L. P. *Dicionário de Teatro*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

VILANOVA, B. *Porchat explora universo feminino e foge da 'lacromédia' na 2ª temporada de 'Homens?'*. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2020/04/porchat-estreia-2a-temporada-de-homens-explorando-universo-feminino-e-fugindo-da-lacromedia.shtml>. 13 de abr de 2020. Acesso 12 abr 2021.

Recebido em maio de 2021.
Aprovado em junho de 2021.